

CARROSSEL ENTREVISTA

Jairo Gerbase

C -. O que é uma criança? Sob que ângulo este conceito interessa à psicanálise?

J.G. - Há um livro, que foi muito trabalhado entre nós, organizado por Judith Miller, *A Criança no Discurso Analítico*, editado pela Zahar, onde os responsáveis pelo CEREDA - Rosine e Robert Lefort, dão a tônica do que, no Campo Freudiano, entendemos por especificidade da prática analítica com criança e que aparece no artigo chamado - *Unidade da psicanálise*. Em momento algum pensamos que o sujeito do significante, o sujeito do inconsciente, com o qual a experiência analítica tem a ver, possa ser considerado a partir destas etapas da vida que chamamos de idades: da criança, do adolescente e do adulto. A unidade da psicanálise diz que a criança é um analisando por inteiro e, que se há particularidades, se existem especificidades na prática com crianças, elas são decorrentes, não propriamente da idade, do fato de ser um “sujeito pequeno”, categoria que não podemos levar em consideração, mas da relação do sujeito com o gozo.

A criança é um conceito que nos interessa sob este ângulo. Ela interessa em vários níveis como podemos observar no artigo de Patrick Valas - *O que é uma criança?*, que é a pergunta que CARROSSEL nos faz. A criança interessa, no nível do direito, no nível da pedagogia, assim como, no nível da psicanálise. A nossa resposta, não é aquela “a criança é o sujeito que não pode trabalhar”, ou “a criança é o sujeito que não é passível da lei”, ou, “a criança é aquele sujeito que está a aprender”. No nível da psicanálise, a pergunta deve ser respondida assim: a criança é o sujeito que ainda não tem responsabilidade pelo seu gozo.

É o que Freud chama atenção nos Três ensaios sobre a sexualidade quando diz que é prematuro oferecer à criança a chance de ter um encontro com o gozo do Outro sexo, com a mulher. É o que ele chama de “Complexo de Édipo”, o fato de que a relação da criança com a sua mãe pode se tornar erotizada, quer dizer, que a mãe pode ser tomada como uma mulher. Freud diz que a criança não pode responder, não tem responsabilidade com este gozo, e é por isto que ele fala de ternura. Então, a nossa definição da criança é uma definição estrutural em oposição a uma definição histórica: a criança é um sujeito e como tal não conhece evolução.

O sujeito é um conceito muito restrito. A palavra sujeito quer dizer, no uso que fazemos em psicanálise, algo tão pontual, tão limitado, quer dizer, apenas, o efeito de sentido da linguagem. Vale a pena insistir, sempre, que o sujeito não é o indivíduo, não é o homem, não é a pessoa, não é o corpo, não é nenhuma substância a nível dos objetos, dos objetos da pulsão. O sujeito é um efeito, propriamente dito, de non-sens da linguagem. O que isto quer dizer? Quer dizer, que é isso que encontramos a partir de um enunciado. Normalmente o sujeito vem no lugar do nome, ou no lugar do pronome; às vezes vem no lugar de um advérbio. De tal maneira, que a melhor forma que encontramos para dizer o que é o sujeito, é recorrendo a estes exemplos gramaticais, que não deixam de ser lógicos. Os linguistas gostam de dizer que há certos pontos de tensão numa frase onde o sujeito pode advir e chamam estes pontos de tensão de shifters. Na frase, que é um exemplo de Lacan, “Temo que ele não venha”, este ponto de tensão está no advérbio de negação, no termo, não, e dizemos que, alí, o sujeito pode vir. Dizer que o sujeito pode aí advir quer dizer que esta partícula - não - é essencial nesta frase; que ela pode mudar completamente o sentido, pode tornar-se: “Temo que ele venha”. Basta fazer uma suspensão do não para encontrarmos a frase ”Temo que ele venha” e “Temo que ele venha”, é o oposto de “Temo que ele não venha”. Veja como é preciosa esta pequena palavrinha aí. Ela pode ser suspensa a qualquer momento e a partir de então - “Temo que ele não venha” significa “Desejo que ele venha” e “Temo que ele venha” significa “Desejo que ele não venha”.

Isto posto, dizemos então: a criança é um sujeito por inteiro. Foi esta a intenção de Lacan quando falou da criança generalizada no encerramento do congresso sobre as psicoses na infância. Ele disse: O termo impróprio à nossa

prática, impróprio à experiência analítica, é o de adulto e não o de criança. A criança é um termo muito próprio, é mesmo o nome do sujeito. Estranho é que falemos em adulto como se pensássemos que o sujeito evolui, amadurece. Estranho é que falemos de maturação, de amadurecimento, de adolescência. O justo é dizer: a criança é um sujeito e não evolui.

Alguém me disse que o Professor Waldomiro falou disto e, citando Rorty mostrou que, também a filosofia da linguagem não admite a evolução do sujeito. Disse que o que chamamos desenvolvimento, evolução, diz respeito ao fato de que o sujeito é chamado a cada vez, a responder a uma nova conjuntura: à conjuntura do desmame, à conjuntura do aprendizado da higiene, à conjuntura do aprendizado da fala, à conjuntura do aprendizado da leitura e da escrita. Depois, há a conjuntura do aprendizado do gozo do Outro sexo, que acontece na tal adolescência e, em seguida, há a conjuntura da entrada na universidade, a do trabalho, de tal maneira que o sujeito, o efeito de sentido da linguagem, responderá com um rearranjo, com uma nova combinatória, a cada uma destas conjunturas, que não são outra coisa senão espaços topológicos. E o tempo conta pelo simples fato de que temos uma convenção sobre o tempo e vamos contando, ano a ano, este progresso suposto ao sujeito, palavra imprópria posto que o sujeito é sempre criança. O tempo do sujeito é subjetivo. A idade do sujeito é mental.

Para nós, é estranho dizer que o sujeito amadureceu, que ele é adulto. A criança, o sujeito passa por estas diversas estruturas topológicas. Não sei se me faço entender claramente, quando digo que o desmame é uma estrutura topológica; quero dizer que alí, do que se trata, é da conjunção de uma boca e um seio, porém mais do que isso é da conjunção de um sujeito e um objeto, e que isto admite a disjunção e a torção, e esta torção admite pensar que há um dentro, que há um fora, que há um eu, que há um outro, e que, em tudo isto, o que está em jogo, tanto no registro Imaginário quanto no Simbólico, é uma série de experiências como a da invidia, a inveja, por exemplo. O sujeito que vê o outro nesta situação - que Santo Agostinho descreveu como a experiência subjetiva daquele que quer, não a posse do objeto que o outro tem, mas estar na mesma situação que o outro está, por uma identificação que Lacan, em dado momento de seu ensino, em Complexos familiares, chamou mental mas que, certamente, em L'insu..., chamaria identificação à estrutura - o

sujeito quer estar, como o outro, na mesma situação, entendida aí, não como situação romanesca, mas como a relação propriamente simbólica de um significante a um outro significante, ou seja, uma relação inteiramente dependente da linguagem.

Enfim, tudo isto para dizer como concebemos uma criança. A única razão pela qual falamos do termo criança, a única divisão que podemos fazer entre criança e adulto, é a divisão que Freud propôs chamar de latência. A latência é um conceito para dizer que há uma etapa em que não se é responsável pelo gozo do corpo do outro, que há uma etapa em que não se conhece o gozo do Outro sexo e não se é responsável por isto e que há uma etapa em que o sujeito passa a ser responsável pelo seu próprio gozo na medida em que conhece o gozo do Outro sexo, o gozo d'A Mulher. Freud, com este conceito de latência, demarca que o sujeito, quando passa à etapa em que conhece o gozo do Outro sexo, o gozo d'A Mulher, passa a ser responsável pelo seu próprio gozo e, então, esquece que esteve numa situação anterior. Ele sofre o que Freud chama de amnésia. Pensa, então, que está começando tudo pela primeira vez e não se dá conta que se trata de uma reedição.

Freud precisa de um conceito chamado latência, esquecimento, para marcar que o sujeito é um continuum, que o sujeito conhece uma única evolução - pode-se usar esta expressão mas com toda reserva - que é a evolução da possibilidade de não ser responsável pelo seu gozo à possibilidade de ser responsável pelo seu próprio gozo, apenas para dizer que o sujeito agora está aparelhado, pela linguagem, para responder ao gozo por sua própria conta e risco e que, antes, não estava aparelhado para isto.

C -. Como a criança interpreta? Há alguma especificidade da interpretação na clínica com crianças?

J.G. - A primeira coisa a dizer sobre isso - foi, aliás, Laurent quem o disse abrindo seu texto - e que vale tanto para a criança como para o adulto, é que a criança interpreta com alíngua.

Digamos que o primeiro a dizer isso foi Freud, no caso Hans. Encontrei uma nota muito especial na página 68, deste caso, uma nota de rodapé que vale a pena ser transcrita integralmente nesta entrevista, onde Freud chama atenção para o fato de que, digamos assim, fazendo um *aggiornamento*, de que a criança interpreta com alíngua. Ele diz à sua maneira, mas tenho certeza, que quer dizer isso mesmo. As crianças dão um tratamento muito especial à linguagem. Elas ficam mais atentas as similaridades sonoras das palavras do que o adulto.

Esta nota vale a pena ser transcrita porque é uma demonstração muito cabal. E ele diz isto no momento em que está decifrando a fobia de Hans, a fobia a cavalo, como Hans escolheu o cavalo. É verdade que tinha passado por uma série de analogias. Analogia, você sabe, é diferente de metáfora. Analogia, digo da minha maneira, embora Bill Gates tenha feito uma distinção muito fina entre analogia e metáfora. Teria que recorrer ao livro dele para retomar a expressão que ele usou: os computadores não trabalham com analogia. Isso é interessante e se puder retomar depois “A Estrada do Futuro”, vou mostrar que a própria informática está atenta a isso. Mas eu dizia que Freud vinha passando por certas analogias, dizendo que o menino Hans escolhe o cavalo porque há muitas semelhanças entre o cavalo e o pai. Semelhança entre o bigode do pai e isso que o cavalo traz na frente da boca, sobre o lábio, que não sei como chama, brida, talvez. Freud compara, faz analogia com o bigode do pai. Também isso que o cavalo tem que se põe como uma espécie de viseira, para que ele não fique olhando para os lados, só fique olhando para frente e que Freud compara com os óculos do pai - “antolhos”. E o próprio fato de que é muito comum, uma brincadeira dos pais com as crianças, de fazer as crianças montarem em suas costas, às vezes até imitar um animal quadrúpede e chamar isso de cavalo.

Freud passa por todos estes tipos de analogias, mas num momento dado ele abandona tudo isto e diz que o essencial não é isso. Você vai ver no caso Hans uma entrelinha que a gente não presta atenção mas que Freud chama atenção em nota de rodapé. Ele diz que isto não é essencial, que o essencial é que quando perguntei ao menino Hans ele me disse: minha bobagem começou no dia em que vi o cavalo do ônibus cair e escoicear. E ele me disse isso assim: a minha bobagem, eu fiquei com minha bobagem, por causa do cavalo . E isso em alemão, *Wegen dem Pferd*, Freud

que sabia que as crianças dão uma atenção especial aos equívocos homofônicos, Freud que sabia que as palavras, o significante equivoca, deixou atrair sua atenção para esse fato e disse *Wegen* é homófono a *Wägen* que quer dizer “veículo” e ele estava se debatendo se a questão de Hans com o cavalo era uma agorafobia, uma fobia ao espaço aberto e aí ele encontra a resposta dizendo: sim, é verdade, a fobia de Hans é uma fobia a veículos, uma fobia ao espaço e o cavalo aí é para ser tomado no sentido específico, porque se trata de um cavalo de ônibus.

De tal maneira, que na minha opinião, a construção mais preciosa do caso Hans, não é a da fantasia do bombeiro mas a desse significante homófono que vai estar de acordo com duas referências de Lacan, uma no começo do Seminário - O Sintoma, primeira aula, onde ele diz que a interpretação deve jogar com o equívoco porque o equívoco é a maneira de liberar o sintoma e a outra, na Conferência em Genebra, mesmo ano, outubro/75, onde vai introduzir o termo moterialismo. Não há como traduzir em português, senão escrevendo moterialismo para não perdermos a homofonia com materialismo, que em francês se conserva. Quer dizer que a linguagem se introduz no ser falante desse modo todo especial, que foi preciso que ele procurasse uma palavra, na sua língua, na língua francesa, que estivesse o mais próximo possível da lalação, do balbucio. A lalação é correspondente à etapa, à idade em que uma criança está aprendendo a falar, aprendendo a falar quer dizer que está no estado *infans* que nós já verificamos e vimos que não é um estado sem palavras, mas é quando se cristalizou as condições para aprender a falar e não há dúvida que corresponde ao *Fort-Da* de Freud, porque o neto de Freud não diz *Fort-Da*, como diz o adulto, ele está na lalação, ele faz o balbucio *oua! aou!* não é verdade? Coisa que não sei como você vai poder reproduzir por escrito, mas que Freud diz isso, que na linguagem do adulto quer dizer foi embora! está aqui!, desapareceu, reapareceu, jogando com a alternância do significante.

Então, quis demonstrar, respondendo a esta pergunta, em primeiro lugar, que Freud sabia do moterialismo, que Freud era lacaniano, que ele sabia que a criança interpreta com alíngua, em segundo lugar, que Lacan era freudiano, que Lacan retorna a esse Freud cuja clínica está centrada sobre o equívoco significante, em terceiro lugar, que Laurent também chamou a atenção para isso no seu artigo “A criança e dom da fala” e, finalmente, que Miller disse que é essa a clínica, que a

clínica é procurar essas seqüências típicas todas elas ordenadas pelo equívoco significante. Por isso vou lembrar a liminar com a qual ele abre Ornica? 17/18, onde diz que o que temos que fazer na clínica é restituir o efeito de sujeito conservando-o dividido e que por isso fazemos relato de casos, mas que não devemos esquecer, quando fazemos relato de casos, que os casos freudianos não são apenas as Cinco psicanálises, entre elas a do Hans, mas sobretudo A Interpretação dos Sonhos, a Psicologia da Vida Cotidiana e o Chiste. O caso clínico, o que temos de interpretar na clínica, seja do adulto seja da criança, continuo citando Miller, não é a história de uma pessoa mas o refugo, o rebotalho, a escória, a inutilidade do discurso, a própria queda (Einfall) colocada no princípio da associação livre. A interpretação com alíngua mostra que o sintoma, por mais real que seja, é sensível ao símbolo, que seu osso é um osso de significante.

C -. Como a criança transfere? Há alguma especificidade da transferência na clínica com crianças?

J.G. - A transferência, queria começar por dizer isso, para depois ver como se aplica à própria criança, a transferência habitualmente é tratada como um meio, um recurso, como a relação entre o analista e o analisando na qual a interpretação pode ter lugar, como a relação de simpatia, de empatia, a relação médico-paciente, a boa relação; como a tomada do analista em boa consideração, a relação de amor com o analista, ou a relação de ódio ou de desconfiança, a relação de estar de olho no analista. Já sabemos que essa não é a boa definição da transferência, que a transferência não é isso.

Desde o começo Freud usou esse conceito na “Interpretação dos sonhos”, chamando-o, em sua língua, de deslocamento. Podemos entender o que Freud quer dizer com o termo deslocamento, porque sabemos que ele estava no nível do discurso, no nível da linguagem, porque sabemos que ele era um materialista, portanto, podemos entender que se trata, na transferência, do deslocamento de um significante.

Lacan examinou isso em “Radiofonia”, examinou as diferentes acepções do termo deslocamento na língua alemã. Examinou também na “Instância da letra...”. Disse que primeiramente Freud usou Entstellung (pág. 511 dos Escritos) que ele traduz por transposição. Depois usou Verschiebung que traduz por deslocamento. Por último Lacan vai chamar tudo isso de metonímia.

A transferência é uma metonímia. É isso que queria colocar em primeiro lugar para ordenar nossa idéia do que é a transferência sobretudo na clínica com criança. A partir do momento em que definimos a transferência em sua dimensão imaginária - na dimensão do amor a mamãe, do ódio a papai e que se pode transferir ao analista, entramos no debate vazio de Anna Freud e Melanie Klein. Mas a partir do momento em que entendemos a transferência como metonímia do significante não há lugar para essa discussão, do que se pode transferir para papai e para mamãe e para o analista, quando se é pequenino, porque não se trata de relação entre pessoas, nem mesmo de relação entre sujeitos. Abandonemos essa discussão vazia, se se trata da pessoa do papai, da pessoa da mamãe ou da pessoa do analista, porque não é isto que Freud quis introduzir quando usou o termo Entstellung ou quando usou o termo Verschiebung, metonímia.

Então, tendo brevemente indicado que não se trata de pessoas, nem mesmo de sujeitos no que diz respeito à transferência, vamos verificar que paixão está em jogo neste conceito. Digamos logo que não é nem a paixão do amor nem a paixão do ódio que vai nos interessar, em primeiro lugar, na relação de transferência, dentre as paixões das quais se ocuparam tanto Descartes como Spinoza, esses filósofos da Idade Média que estudaram as diversas paixões da alma.

Há uma outra paixão que os psicanalistas nunca levaram em conta, que é essa que Lacan acha que Freud quis introduzir e que é a paixão da ignorância. Então, é a partir do momento em que definimos a transferência como metonímia de significante e justificamos a paixão implicada nela como a paixão da ignorância, que Todorov vem em nossa auxílio, porque é ele quem diz, em seu texto “Freud sobre a enunciação”, que tudo o que Freud quis definir foi a relação que se passa nessa situação entre dois termos, que ele chama de analisando e analista, mas que se trata de dois termos verbais, o enunciado e a enunciação. Ele diz claramente neste texto, que o analisando é o enunciado e que o analista é a enunciação, e se fôssemos

atualizar isso nos termos de Miller diríamos que o analisando é o dito e o analista é o dizer. É essa a relação que queremos examinar quando falamos de transferência, que metonímia é possível entre o enunciado e a enunciação.

O que Freud verificou é que, em dado momento, o significante falta, a palavra falta, que não é mais possível dizer, e que aí aparece o fenômeno da transferência. Não é possível mais dizer de modo clássico, ou seja, dizer com palavras, dizer, fazendo uso do recurso mesmo do dizer, que é o significante, mas como o inconsciente insiste em dizer, então, passamos a um outro modo de dizer, que é o agir, que é isso que Freud chamou de repetir. Portanto, transferência não é um conceito, em Freud, senão para indicar o modo preferencial de dizer na situação analítica, na situação discursiva que é uma análise, o modo preferencial de dizer quando a palavra falta: quando o significante falta dizemos em ato.

Dou essa definição que acredito ser um tanto pessoal. Disse que a transferência é o modo de dizer na situação verbal que é a análise quando a palavra falta. Dizemos em ato quando a palavra falta e Freud chamou isso de transferência, o que se caracteriza bem como esta situação pessoal que agora vai se passar entre o analisando e o analista. É também o que se tem chamado de vertente interpretativa da transferência. No extraordinário texto “Recordar, repetir e elaborar” - que já trabalhamos muito e sob diversos ângulos, sobretudo sob o ângulo que Bruno introduziu, o ângulo do saber, da transferência e do saber na prática analítica com crianças, no qual ele nos mostra muito bem que há um limite à rememoração, um limite do dizer, uma incompatibilidade da palavra, uma impossibilidade do significante de dizer tudo e, que nesse momento, então, se passa ao agir, ao repetir - Freud diz que esta é a única chance que resta ao locutor de fazer a transposição, o deslocamento do significante que se encontra no limite assim chamado do impossível de dizer. Então, não há como trazer o significante do real senão através desse método analítico chamado transferência, dito de outra maneira, não há como trazer um significante indizível com o dizer. O significante infável só é possível trazê-lo com a transferência, ou seja, com esse outro modo de dizer, que é o agir. Se não posso dizer, como exemplifica Freud, que me comportava de modo insolente com meu pai, me comporto de modo insolente diante do analista, e essa é a forma

chamada de transposição, de deslocamento, de metonímia, finalmente, essa é a forma de dizer isto que estava no nível do real, de trazê-lo ao nível do simbólico.

Esta não é a vertente imaginária mas a vertente real da transferência. A vertente imaginária da transferência, a que Miller chamou com muita propriedade de metonímia libidinal imaginária, a da adoção do analista na família do analisando, também se joga aí, no nível da repetição, porém entendida enquanto autômaton, enquanto rotina. A vertente real da transferência, que acabamos de examinar com um certo nível de detalhes, se joga também no nível da repetição, porém enquanto tiquê, enquanto encontro.

Há ainda a vertente simbólica da transferência, aquele à qual se aplica o conceito de sujeito suposto saber. É verdade que Lacan o definiu como o pivô em torno do qual gira tudo o que diz respeito à transferência, mas ele só dá conta da transferência no nível simbólico, no nível do significante que está recalado, esquecido e que pode retornar, que pode ser lembrado, rememorado, mas para dar conta do que está na dimensão do inefável, do indizível, precisamos do conceito de transferência real, que não é outra coisa que esse agiren de Freud.

Elaborar é também um dos conceitos presentes neste artigo de Freud, o conceito que Lacan traduziu por trabalho da transferência, que é o trabalho de vai e vem, resultado tanto do trabalho de rememoração quanto do trabalho de repetição, ambos, como já dissemos, dois modos de dizer, duas modalidades de interpretação, o primeiro quando se está na dimensão simbólica, na dimensão do dizível, o segundo quando se está na dimensão do real, na dimensão do inefável, na dimensão do a, na dimensão do existe. Aí é preciso lançar mão de um outro recurso para dizer que não o recurso verbal, que não o recurso do próprio dizer.

E foi assim, para concluir, que Lacan examinou o próprio conceito de introjeção do significante, de introjeção da pessoa do analista tal como Ferenczi o apresentou no seu texto que está citado na “Direção da cura” (pág. 613 dos Escritos) e que se chama “Introjeção e transferência”. Lacan considera esse artigo um artigo inaugural sobre a introjeção do analista na economia subjetiva. Não é possível entender isso, sem ter claro que a situação analítica é uma situação verbal, porque do contrário não se pode entender como é que o analisando vai introjetar a pessoa do médico, não se pode conceber que tipo de identificação mental é essa que vai se

passar entre o analisando e o analista. Quando aprendemos com Todorov que se trata da introdução da enunciação no enunciado, tudo torna-se cristalino.

E por que uma criança não teria a possibilidade de fazer uso dessa metonímia? Sem dúvida, o preconceito que levou alguns pós-freudianos a pensarem que uma criança não estava à altura da transferência, é o fato de que eles concebiam a linguagem como um instrumento para dizer dos objetos. De certo modo eles tinham a intuição de que a transferência só podia ser verbal, mas como concebiam que havia algo antes do verbal, uma espécie de pré-verbal, não podiam conceber, tal como Lacan, que isso já era hiperverbal. Então, ficavam um pouco embaraçados em conceituar isso, em falar disso que se passa no nível do verbal antes que o sujeito esteja nesse nível. Por isso só admitiam que essa transferência pudesse acontecer depois do Fort-Da, depois que a criança tivesse ultrapassado o estado infans. Esse foi sempre o problema delicado que Lacan denunciou, uma intuição clínica fina, correta, mas uma elaboração teórica que carece de coerência devido a falta do conceito de significante.

Se tivessem concebido esse materialismo, Anna Freud e Melanie Klein não teriam esse embaraço e poderiam ter elaborado bem o conceito de transferência na prática com criança, o que ficaram impedidas de fazê-lo, porque supuseram que a condição de possibilidade desse transposição, que é o significante, não pode existir antes que a criança fale. Faltou-lhes a noção d'alíngua, das palavras do inconsciente, para usar uma expressão de Soler.

De tal maneira que não vejo porque o conceito de transferência não se aplica perfeitamente à criança, tal como a definimos enquanto o verdadeiro sujeito, a menos que este ainda não tenha se constituído, viés por onde se poderia tornar justificado o debate dos pós-freudianos.